

## **Nova biografia de Keynes fica completa, depois de 30 anos**

*MARCELO DE PAIVA ABREU*

Trinta anos e 1 milhão de palavras depois da assinatura do contrato com a editora Macmillan, Robert Skidelsky terminou a sua monumental biografia de Keynes. Planejada como um livro médio acabou em três volumes, com mais de 1.700 páginas. Foi publicado agora o volume final: John Maynard Keynes. *Fighting for Britain 1937-1946*, Macmillan, Londres, 2000. Os dois volumes anteriores haviam coberto os anos iniciais (*Hopes Betrayed 1883-1920*, Macmillan, Londres, 1983) e da maturidade do economista (*The Economist as a Saviour 1920-1937*, Macmillan, Londres, 1992).

Vista em uma perspectiva de longo prazo, a vida de Keynes é notável tanto pela sua dedicação ao debate público quanto pelo insucesso, ao menos em vida, em fazer prevalecer suas posições. O interessante é que essas derrotas no curto prazo tornaram-se, em vários casos, vitórias em um prazo mais longo. Pode-se pensar em seis temas cruciais em sua vida pública: o Tratado de Versalhes; a volta da libra ao padrão-ouro em 1925; o papel das obras públicas e da política fiscal na recuperação da depressão nos anos 30; os problemas de financiamento interno e externo da Grã-Bretanha no início da Segunda Guerra Mundial; a construção da ordem financeira mundial no pós-guerra; as negociações financeiras anglo-americanas ao final da guerra.

Os três primeiros temas são abordados nos dois volumes iniciais da biografia. O sucesso inicial de Keynes como autor deveu-se aos seus dois livros sobre a paz "cartaginesa" em 1919. Neles, Keynes defendeu o abandono da política francesa de fazer a Alemanha pagar reparações substanciais. Incluiu aí a sua profética menção à nova guerra europeia em um prazo de 20 anos. Em 1924, Keynes tentou convencer o chanceler do Erário, Winston Churchill, a promover a volta da libra ao padrão-ouro com significativa desvalorização em relação à paridade de 1914. Entretanto, Churchill voltou à paridade anterior com conseqüências desfavoráveis para o nível de atividade na Grã-Bretanha até o início dos anos 30. No final dos anos 20 e no começo dos anos 30, Keynes defendeu sem sucesso a importância de um programa de obras públicas para acelerar a recuperação da crise somado ao controle de empréstimos externos e ao aumento da proteção. É difícil associar as políticas econômicas da Grã-Bretanha, da Alemanha ou dos EUA neste período à sua pregação. De fato, o infeliz prefácio à edição alemã da Teoria Geral, no qual Keynes escreveu que as suas idéias seriam muito mais facilmente adaptáveis a um "Estado totalitário", pode ser lido como um lamento quanto à sua dificuldade em convencer os "policy-makers" de sociedades democráticas.

Os três outros temas cruciais na vida de Keynes como economista que pretendia influenciar a formulação da política econômica são tratados no último volume da biografia. Foi em relação aos problemas de financiamento interno e externo da Grã-Bretanha no início da Segunda Guerra Mundial que teve maior sucesso. O arcabouço do orçamento britânico de 1941 refletiu os novos conceitos de contabilidade nacional que decorriam da Teoria Geral.

Suas idéias sobre aumento de taxaço e protelação das conseqüências do aumento do poder aquisitivo tiveram influência, mas não foram capazes de bloquear o uso do racionamento para debelar a inflação. Na frente externa, Keynes foi o proponente das políticas unilaterais que redundaram no financiamento de parte do esforço de guerra britânico por países como Índia, Egito, Argentina, e até mesmo o Brasil, através da acumulação de depósitos em Londres.

Nas negociações referentes à construção da ordem financeira internacional, Keynes foi o responsável pela proposta britânica que reservava ao futuro Fundo Monetário Internacional o papel de banco central dos bancos centrais, com importante capacidade de criação de liquidez internacional. Outro aspecto importante da proposta de Keynes era a preocupação em estimular tanto economias deficitárias quanto superavitárias a adotar políticas macroeconômicas compensatórias. Em alguns aspectos cruciais as reformas que o FMI sofreu desde então retratam a aceitação de algumas destas idéias incluídas na

proposta britânica. A entrada em operação das regras de Bretton Woods requeria a volta à conversibilidade

da libra. As negociações financeiras anglo-americanas eram essenciais para determinar quanto a Grã-Bretanha deveria receber em ajuda financeira para viabilizar este cenário e quanto pagaria para quitar os suprimentos feitos durante a guerra.

Keynes aí desempenhou o papel de defensor patriótico dos interesses nacionais britânicos, tentando, com sucesso limitado, minimizar a dureza das condições norte-americanas.

O terceiro volume da biografia mostra marcas claras das consideráveis mudanças que ocorreram desde a publicação do primeiro volume quanto à avaliação da importância da influência de Keynes na formulação das políticas econômicas do pós-guerra. Até mesmo o ponto de vista do autor mudou significativamente: par do reino trabalhista no final dos 80, Lord Skidelsky tornou-se nos 90 militante par conservador. Isto parece explicar certa insistência em descobrir no Keynes dos anos 40 um alinhamento com o liberalismo não totalmente sustentado pela evidência apresentada. Para uma visão equilibrada de Keynes, a biografia de Skidelsky, brilhante como literatura, deve ser complementada pela leitura da biografia mais acadêmica, escrita por Donald Moggridge, *Maynard Keynes: An Economist's Biography*, Routledge, Londres, 1992.

O volume está recheado de citações divertidas, pois Keynes era extremamente ferino, especialmente comentando pessoas: "Sir Frederick Phillips podia ficar silencioso em diversas línguas". Talvez a mais profunda seja a da sua mulher, Lydia Lopokova, no seu peculiar inglês russificado: "Maynar is more than economist".

---

Marcelo de Paiva Abreu é professor do Departamento de Economia da PUC-Rio